

FANZINE DIGITAL ACESSÍVEL: PERSPECTIVAS DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO¹

Ms Miriam Viridiana Verástegui Juárez²
Profa Dra Juliane Ap. de Paula Perez Campos³
Profa Dra Cristina Broglia Feitosa de Lacerda⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta a perspectiva de um grupo de jovens com deficiência estudantes do Ensino Médio, sobre a sua escolarização, por meio da produção de um Fanzine Digital Acessível intitulado: “Nós somos evolução”. A pesquisa se fundamenta na concepção da deficiência como um fenômeno social, cultural e político que enfatiza a importância dos estudos emancipatórios para o desenvolvimento humano, embasada na perspectiva vygotskyana. Os participantes foram seis estudantes com deficiência, matriculados em escolas públicas e que frequentavam a Sala de Recursos. Trata-se de uma Pesquisa Ação Participativa que utilizou a ferramenta de Foto-voz para a coleta dos dados que ocorreu em encontros individuais e grupais; sendo a análise dos dados com base na narrativa dos estudantes. Os resultados mostram que os estudantes percebem sua escolarização como uma possibilidade de aprendizado, mas também reconhecem que por serem pessoas com deficiência enfrentam violências e barreiras atitudinais e pedagógicas.

Palavras-chave: Educação Especial, Ensino Médio, Participação.

INTRODUÇÃO

Para os estudantes com deficiência, os processos de ingresso, permanência e conclusão do Ensino Médio são ainda desafios às políticas educacionais, de modo a garantir o direito a uma educação baseada na justiça social e à formação de cidadãos que participem em todos os âmbitos da sua vida. Assim, escutar os alunos para entender suas necessidades é fundamental; além de para motivá-los à ressignificação de suas trajetórias, superar as diferentes barreiras de acesso à informação, aos espaços, ao curriculum e as relações interpessoais.

Em levantamento realizado junto à Base Digital de Teses e Dissertações, que teve como principais termos “estudantes com deficiência no ensino médio”, das 108 pesquisas de mestrado

¹ Artigo é parte integrante da tese: “*Experiencia de alumnos con discapacidad en el bachillerato: un proceso de Foto-voz*” do programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCAR, com apoio da CAPES.

² Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, mvvjuarez@estudante.ufscar.br;

³ Professora orientadora: Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, juliane@ufscar.br;

⁴ Professora orientadora: Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, cbflacerda@gmail.com

e doutorado localizadas sobre Ensino Médio e alunos com deficiência, constatou-se que normalmente os alunos que estudam no Ensino Médio não participam diretamente das investigações sobre inclusão, pois apenas sete pesquisas apontaram a experiência do processo educativo destes alunos nas aulas comuns tendo eles como informantes diretos (CORDEIRO, 2018; CRUZ, 2011; FELICIO, 2017; FROIS, 2017; ROSA, 2019; VALENTE, 2016; ZARDO, 2012). A busca incluiu pesquisas realizadas até julho de 2021 e teve como foco estudos sobre educação de pessoas com deficiência no Ensino Médio geral que tem o 70% da matrícula desse nível de ensino (DUARTE; KRAWCZYK, 2016).

Portanto, o presente estudo dá ênfase à importância em conhecer e compreender os processos de participação, atrelados às experiências escolares, como parte fundamental às mudanças necessárias que as escolas devem promover para emancipação e a formação de pessoas que consigam exercer sua cidadania. Estas trocas com os alunos permitem entender, por exemplo, os processos de opressão pelos quais os jovens com deficiência têm transitado e analisar como estes limitam a potência deles. Além de contribuir na proposição de ferramentas teórico-metodológicas que contemplem a diversidade de alunos com deficiência para que cada um consiga refletir e apreender sua história e o mundo que vive, de tal forma que possa participar da transformação da sua vida e da sociedade. Segundo anuncia Freire (1996) os alunos, quando tem uma aprendizagem verdadeira serão reais sujeitos de transformação.

Complementando, Silva (2012) e Santo (2007) apontam a importância em motivar os estudantes a reivindicarem seu processo educativo, através da participação constante em todos os ambientes e momentos do seu percurso escolar. Neste contexto, neste estudo entende-se a concepção da deficiência como um fenômeno social, cultural e político desvinculado das perspectivas de reabilitação (PICCOLO, 2012) e pelos estudos emancipatórios sobre deficiência que enfatiza a importância de colocar a participação das pessoas como atores ativos dentro da pesquisa e não só como informantes (BARNES, 2012).

Se vincula à concepção sobre deficiência e aos estudos emancipatórios a perspectiva vygotskyana que propõe que “não há indivíduo sem sociedade, não há intrapsíquico sem intersíquico, nem orgânico sem simbólico” (MOYSÈS; ANGELUCCI, 2021, p. 10); sendo que a potência das pessoas, com ou sem deficiência, está na sua capacidade simbólica e no desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores sempre em construção com o outro (VYGOTSKY, 1997). A proposta então, é enfatizar processos de educação dialógica, pois é através do dialógico que se cria um trajeto onde o educador e o educando se transformam (FREIRE, 1970).



Neste sentido, se constroem processos de intercâmbio onde as experiências e expressões não tem hierarquia, todas dialogam em termos de igualdade, por isso não é o pesquisador que “da voz” aos participantes, mas os convida a falar—escutar e construir um diálogo que junte elos que provoquem reflexões únicas (FERREIRA; COUTO; OSWALD, 2021). Estes eventos levam à interiorização e exteriorização não lineal de diferentes estímulos que serão processados, segundo o contexto dos participantes e a transformação advinda do processamento individual dessas experiências é uma potência para transformar a realidade (GUZMÁN; SAUCEDO, 2015; FALS-BORDA, 1999).

Dentre a construção metodológica de trabalhos que obedecem aos princípios teóricos aqui tratados tem-se a Foto-voz que pode se definir como:

(...) ferramenta de avaliação e diagnóstico de necessidades para comunidades e grupos específicos para implementar políticas públicas e programas sociais destinados a populações consideradas vulneráveis ou desfavorecidas” (MARTÍNEZ-GUZMÁN; PRADO-MEZA; TAPIA; TAPIA, 2018, p.164)

Segundo as autoras esta ferramenta requer uma perspectiva de trabalho com os participantes e não sobre eles, permite diversificar as opções de expressão dos participantes, o que é uma necessidade quando se trabalha com pessoas com deficiência. Assim, se ressalta que o linguístico e as imagens não são polos opostos, mas sim, se complementam; o verbal não substitui a imagem nem vice-versa (SANTAELLA, 2015).

Com base nas considerações anteriores, o objetivo do presente estudo é analisar a perspectiva de um grupo de jovens com deficiência estudantes do Ensino Médio regular, sobre seu processo de escolarização através da sua produção criativa na realização de um fanzine digital acessível.

METODOLOGIA

Esta investigação é uma Pesquisa Ação Participativa (FALS-BORDA, 1999) que tem como critério principal o trabalho por causas justas através da obtenção de conhecimentos, sentipensares⁵ e visões de vida dos envolvidos -participantes e pesquisadora-, usando a ferramenta de Foto-Voz para a coleta de dados.

Os participantes da pesquisa foram seis jovens estudantes do Ensino Médio, três homens e três mulheres de entre 15 e 19 anos; sendo três do primeiro ano, dois do segundo e um do

⁵ Conceito que refer ao home que combina a razão e o amor, o corpo e o coração para se desfazer de todo o que rompe com sua harmonia e falar a verdade (Fals-Borda, 2009)

terceiro; três deles com deficiência visual, dois com deficiência múltipla e um com Transtorno do Espectro Autista. Todos os participantes frequentavam a Sala de Recursos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CAEE: 26350819.7.0000.5504). Todos os participantes menores de idade assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para resguardar a identidade dos participantes, eles criaram um pseudônimo que será usado neste texto também como identificação. Os que recusaram esta ideia, assinaram seu trabalho com seu nome próprio, aqui se distinguem com o título da sua produção: Tímido-Corajoso, Mudanças na Vida, Down Caffeine, Esther, Keiku e Vini.

A pesquisa foi realizada de forma remota, entre outubro 2020 e fevereiro 2021, a través da plataforma Google Meet e se utilizou uma entrevista semiestruturada para a aplicação da ferramenta de Foto-voz.

O processo de coleta de dados se organizou em dois momentos. Na primeira etapa foram realizadas sessões individuais (cinco sessões) com cada um dos participantes, e, num segundo momento ocorreram as sessões grupais (8 sessões), onde os estudantes compartilharam as reflexões geradas nas sessões individuais e organizaram, entorno delas, um projeto que representasse esse trabalho, dando como resultado o Fanzine digital acessível: “Nós somos evolução”⁶.

Os dados analisados são as produções escritas que os alunos realizaram para o projeto, assim como os diálogos produzidos nos encontros individuais e grupais relacionados a esta temática. A análise dos dados está baseada no entendimento da narrativa dos participantes além do anedótico. Busca-se entender o que das histórias os interpela, pois é isso que pode alimentar o processo de reflexão sobre seu mundo e o lugar que ocupam nele. Assim, a análise coloca especial atenção nos eventos que estejam atrelados às relações sociais e aos sucessos que possam estar enquadrados num contexto histórico-cultural, porque é ele que nos dá ferramentas para interpretar os eventos trazidos pela Foto-voz (Díaz, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados evidenciam as perspectivas sobre o contexto educativo que os jovens apresentaram ao longo da criação do fanzine acessível: “Nós somos Evolução”.

⁶Acesso ao fanzine a través do link:

<https://drive.google.com/file/d/1ggvJ3ZgZPNnMsuTzgxh0ttN0CF1gxurc/view?usp=sharing>

As reflexões dos jovens entorno da temática geral do fanzine se formou a partir da discussão sobre os tópicos que foram relevantes nas apresentações grupais dos processos individuais⁷, ou seja, eles ressaltaram: infância, perseverança, alegria, aprendizado, mudanças e libertar sua criança.

Exemplificando, tem-se a reflexão do participante Keiku:

Eu tenho uma vaga ideia do que a gente pode fazer. Acho que o que a gente poderia fazer é continuar falando mais sobre evolução, só que desta vez a gente vai focar, porque até agora a gente meio que falou só sobre evolução e as mudanças que aconteceram nas nossas vidas... então, acho que a gente poderia focar nesse tema de evolução só que tirar da gente, tirar... ir mais para evolução, tipo evolução dos estudos, ou evolução do mundo no geral...

O participante Vini complementa:

Olha, eu acho que o tema que o Keiku abordou realmente é um tema muito legal para a gente discutir porque esse tema, se você observar, ele acaba pegando todos os outros temas, então é meio que literalmente trabalhar com todos os temas juntos.

Essas considerações foram fundamentais para os outros participantes, pois o combinado era que cada um escolhesse uma temática que fosse interessante para eles e para os leitores. Todos os jovens, ainda que focando numa temática fora do quesito escolar, trouxeram para o texto uma parte da sua trajetória como estudantes atrelada à condição da deficiência.

O contexto escolar dos alunos é descrito em várias perspectivas, cada uma delas representa os próprios autores e deixa ao descoberto alguns pontos que foram trabalhados e aprofundados durante as sessões. Uma das primeiras coincidências que os jovens mostraram nas suas produções foi pensar a escola como uma instituição que muda na sua estrutura, suas políticas e formas de funcionamento alguns colocam estas mudanças de forma direta nos seus textos e outros de forma velada.

Vini, por exemplo, faz referência indireta às políticas de inclusão das pessoas com deficiência nas aulas comuns: “Há alguns anos uma pessoa com deficiência não poderia estudar na mesma sala que uma pessoa sem deficiência e atualmente isso mudou... todas as pessoas devem ter a mesma oportunidade de obter conhecimento”.

Já Keiku fala dessa mudança mais numa perspectiva tecnológica que está atrelada à educação remota que teve acesso por conta da pandemia do COVID-19, ele ressalta que várias

⁷ O processo de Foto-voz se compõe por uma primeira parte de entrevistas individuais na qual os participantes tiram fotos, que sejam relevantes para eles, e as mostram à pesquisadora para refletir sobre essa realidade apresentada. Para este estudo a temática esteve atrelada à experiência dos jovens com deficiência matriculados no Ensino Médio e o Ensino Remoto Emergencial aplicado por conta da Covid-19.



escolas já trabalham só com computadores, deixando de lado os livros e cadernos, e que muitas pessoas tiveram acesso a esse tipo de educação por conta da pandemia:

Para mim essa mudança na educação tem sido importante porque sou uma pessoa com deficiência visual e agora não preciso mais me preocupar com a lousa, com as escadas da escola ou em pedir emprestado o caderno dos alunos (KEIKU).

As reflexões ilustradas sinalizam uma contradição interessante pois os participantes percebem estas evoluções em direções opostas; um querendo permanecer em casa, e outro, enfatizando a importância de pessoas com deficiência estar na sala de aula, isto pode acontecer devido ao contexto que os alunos vivem fora da escola.

Keiku um jovem com deficiência visual, tendo pais que cursaram a educação superior, percebe esta evolução escolar tecnológica como algo importante no seu processo de aprendizagem. Pela experiência que ele teve até agora no Ensino Médio público, relata que a escola não tem implementado essas estratégias de acessibilidade para ele se sentir confortável dentro da sala de aula; tendo um interesse maior por estudar em casa, pois lá tem as condições materiais, culturais e o apoio da família para aprender.

Na escola tinha muita gritaria, pessoa que fala alto também, então era muito mais estressante de que hoje em dia... tem coisas que as vezes o professor não sabe ensinar muito bem... se tivesse um ajudante para mim específico para poder ler para mim a lousa, para poder me acompanhar na escola ia ser bem melhor. Antes da pandemia não podia usar o celular, então que deixassem levar o celular como deficiente visual, para ver se isso funciona. Levar meu celular para testar isso, para tirar foto da lousa e poder copiar de lá. Ainda que corra o risco de levar o celular por conta da insegurança, mas acho que na minha escola seria tranquilo (KEIKU).

Por outro lado, Vini é um aluno cego que requer de várias adequações, mas sua família não tem o capital cultural (BOURDIEU, 1998) para oferecer apoio em casa para sua escolarização; assim, para este jovem a escola ainda que com todas as falhas de acessibilidade que lhe apresenta, é uma oportunidade para aprender. Um exemplo destas carências que o jovem relata é a falta de acessibilidade que existe nas provas estaduais padronizadas e a dificuldade que passa cada vez que tem que apresentar o exame:

Eu estava procurando como entrar em contato com a Secretaria Estadual para fazer essa reclamação, porque no caso já é a terceira vez que acontece a mesma coisa (falta de acessibilidade nas provas). Eu, sinceramente, se fosse para levar assim bem sério mesmo, eu colocaria (que me sinto) como isolado (VINI).

A experiência de Mudanças na Vida pode ser visualizada no relato de Vini que reforça em sua narrativa a importância de se graduar do Ensino Médio. Ainda que ela não faça uma distinção específica sobre a diferença entre assistir presencialmente à escola ou ter aulas online, menciona que durante a pandemia gostava de ter aulas ao vivo e escutar a explicação da sua professora nas reuniões no Google Meet, apesar de que às vezes não tinha internet no seu

celular. Comenta que se sente feliz quando consegue participar das aulas e ao fazer as atividades escolares; porém, quando indagado sobre as temáticas que mais gostava, teve dificuldades para explicar. Suas matérias preferidas estavam relacionadas com aquelas onde os professores deixam desenhar como atividade e quando falou sobre atividades grupais, comentou que como ela é calada, os colegas sempre davam alguma coisa para ela ler e assim ela não tinha que fazer nada.

Todos estes relatos dizem sobre a falta de adequações nas atividades e sobre a sua participação simulada em diferentes momentos, ainda que ela não tenha sinalizado isto como um problema, a aluna, igual que o Vini, interpreta a sua presença na escola como uma oportunidade para se sentir produtiva, pois se sente feliz quando faz as atividades, apesar de que seja difícil para ela entender ou estudar o conteúdo.

Uma outra perspectiva sobre a escolarização diz sobre a experiência das participantes Esther e Down Caffeine, elas narram que as vezes a escola pode ser um local de violência praticada pelos próprios alunos ou inclusive pela instituição. É importante falar que quando uma delas descreve sua experiência escolar, especifica que a violência que sofria por parte dos colegas estava atrelada a suas características como pessoa com deficiência e que parou quando se mudou de escola. Assim, ainda que a violência seja estudante para estudante, a escola tem uma participação importante para prevenir e conter caso seja necessário (SILVA; ASSIS, 2018).

Esther escreve: *“Quando eu sofri bullying eu fiquei muito chateada e até me cortei e me machuquei, mas, essa fase difícil na minha vida passou graças a Deus, eu cheguei até mudar de escola por causa disso”*. A escola atual tem experiência à atenção as pessoas com deficiência e uma equipe de professoras de educação especial que estão em constante contato com as escolas dos alunos. Assim, pode-se observar que quando se tem preparação, conhecimento e disposição de aprender sobre e junto com os alunos, este tipo de violência pode ser evitado.

Já a Down Caffeine faz uma crítica aberta ao tipo de conteúdo ensinado e as exigências das escolas:

Não aprendemos o básico na escola, saímos sem saber fazer primeiros socorros, sobre a política e como pagar as contas, nosso psicológico vai para a força e já chegamos com ansiedade, depressão e muitas outras coisas, assim que viramos adultos. Na escola nos barram pois “não pode entrar na escola sem uniforme”, mas por lei podemos, não há desculpas para proibir o aprendizado de um aluno, caso seja barrado a escola está cometendo um crime, mas eles ligam? nem um pouquinho... é assim que vão te cobrar mais e mais até você não aguentar (DOWN CAFFEINE).

A percepção desta jovem, provavelmente, está relacionada ao sentimento que tem sobre a escola, tanto no sentido das relações sociais como na questão do aprendizado; ainda que ela reconheça que tem algumas professoras que a deixa confortável porque não desistem dela, pois sempre estão animando-a a prestar atenção pois sabem que uma das suas características é se distrair com facilidade devido ao TEA. Segundo sua perspectiva, a escola é muito desafiadora pois sempre tem o sentimento de não fazer as tarefas ou atividades, tendo se angustiado na pandemia com as aulas à distância. Tal sentimento é compartilhado por vários grupos, pois como Netto e Lima (2021) apontam, a desigualdade com a escolarização emergencial pela COVID-19 se aprofundou sobretudo nos grupos historicamente discriminados.

No quesito social a aluna comenta, assim como Esther, a falta de intervenção da instituição no acompanhamento das relações sociais dentro da escola, o que para alguns estudantes pode significar aumento de estresse, ou gerar sentimentos de tristeza e inclusive interferir na sua autoestima:

Quando eu comecei a ir para escola do jeito que eu agia, eu percebia que nenhuma criança gostava, não se interessavam por mim, ficavam me evitando... Então, eu comecei a ficar mais certa, mas reclusa... eu tive que mudar isso (sua personalidade) porque as pessoas me tratavam de certa forma mal, então é bem desagradável, e não era nem um pouco confortável ficar na escola (Esther).

Já, o participante Tímido Corajoso não coloca no seu texto nenhuma referência à escola, durante as sessões individuais e grupais este jovem teve poucas intervenções sobre o significado que a escolarização tem para ele; sendo que algumas referências que apontou foram que preferia ir para a escola de forma presencial, porque assim poderia ficar com os amigos e era menos “chato” que as aulas online. Quando se indagou sobre as suas preferências de matérias, dificuldades ou facilidades para assistir à escola o aluno não conseguiu desenvolver as respostas. Seus silêncios e desconhecimento até do nome da escola na qual estava matriculado, saber que não estava conseguindo acompanhar as aulas no momento da pandemia, pois elas não tinham nenhum tipo de adequação para ele, provavelmente diz respeito ao seu vínculo quase nulo com este processo de escolarização, sendo o único jovem que não incluiu a temática no seu texto para o fanzine.

Como pode-se observar a perspectiva dos alunos sobre sua escolarização aponta para a valorização do espaço, mas também para a reflexão sobre necessidades que ainda não são atendidas e que podem cair em processo de exclusão dentro das salas de aula, em alguns casos, suscitando sentimentos de rechaço ao espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível verificar a perspectiva que os alunos têm sobre seu processo educativo dentro da sala de aula regular e compreender que para eles esta experiência é transversal, pois ainda que focando em temáticas diversas, a narração das suas histórias perpassam por barreiras e oportunidades que a escola lhes oferece.

Os estudantes passaram por momentos de reflexão individual e coletiva para chegar à criação dos textos que refletem suas preocupações e preferências, junto com o contexto da pesquisa e as claves sócio-históricas que vivemos podemos entender o que está por trás destas produções, ou seja, falta de escolas preparadas para receber e promover que os alunos com deficiência exerçam seu direito à educação.

A afirmação anterior pode parecer repetitiva, porém é necessário evidenciá-la com mecanismos diferentes que proporcionem aos alunos a oportunidade de serem “alguém” com suas ferramentas e experiências, e com a potência da narrativa, gerem ações de transformação individual e coletiva. O processo de criação do fanzine mostrou as dificuldades que os alunos tinham de autoconhecimento no mundo e se exporem como pessoas com deficiência, o que muitas vezes dificulta a reivindicação dos seus direitos.

Assim, partindo da necessidade de uma sociedade com justiça social, é pertinente que se coloque empenho na participação, na ação e na reflexão, pois na perspectiva deste escrito, as pesquisas com pessoas com deficiência devem ter como fim último a emancipação das pessoas com deficiência, através dos dados gerados.

AGRADECIMENTOS

Aos jovens que participaram na construção dos dados aqui apresentados, pelo seu tempo, empenho, sorrisos e por me deixar acompanhar suas reflexões e sentimentos.

REFERÊNCIAS

BARNES, C. The Social Model of Disability: Valuable or Irrelevant? In: **The Routledge Handbook of Disability Studies**. Routledge, p. 12-29. 2012.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Vozes, 1998.



CORDEIRO, L. **Desafios Da Inclusão Escolar Na Escola Estadual Padre Menezes**. Dissertação. 167 f. (Mestrado em Gestão e Avaliação em Educação Pública). Universidade Federal De Juiz De Fora, 2018.

CRUZ, R. **Ensino médio no estado de São Paulo: desafios na escolarização de alunos com deficiência**. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. 2011

DA ROSA, M. **Trajetórias do público-alvo da educação especial no ensino médio paulistano**. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. 2019

DA SILVA, G. **Ensino Médio No Papel: Educação, Juventudes E Políticas Educacionais**. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. 2018

DE FELICIO, N. **Inclusão dos alunos Público-alvo da Educação Especial no Ensino Médio: concepções e atuação docente**. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. 2017

DOS SANTOS, M. **A escolarização do aluno com deficiência visual e a sua experiência educacional**. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. 2007

DUARTE, A.; KRAWCZYK, N. Brasil educação. Tensões intergovernamentais na política de ensino médio. **Revista del IICE**, n. 39, p. 11-28, 2016.

FALLS-BORDA, O. Orígenes universales y retos actuales de la IAP. **Análisis Político**, p. 73–90, 1999.

FALS-BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. 1. ed. Bogotá D.C.: Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Siglo del Hombre; CLACSO, 2009.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro, OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. As oficinas como lócus de encontro com o outro: uma abordagem histórico-cultural. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa**. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>

FREIRE, P. **Pedagogía del oprimido**. Siglo XXI, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 1996.

FROIS, M. **Sistema Educacional Inclusivo: Uma garantia de acesso para alunos com necessidades educacionais especiais no Ensino Médio em Barbacena?** 130f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017.

GUZMÁN, C.; SAUCEDO, C. Experiencias, vivencias y sentidos en torno a la escuela y a los estudios. Abordajes desde la perspectiva de alumnos y estudiantes. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v. 20, n. 67, p. 1019–1054, 2015.

MOYSÉS, M.; ANGELUCCI, B. Prefácio. In: **Problemas da defectologia. Volume I**.



Expressão Popular., 2021.

NETTO, N.; LIMA, C. Perspectiva de inclusão em um contexto pandêmico: Discussões a partir de um levantamento bibliográfico. **Revista de Educação Básica**, v. 2, n. 2, p. 1–6, 2021.

PICCOLO, G. **Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência**. 232 f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. 2012.

SANTAELLA, L. Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem... **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2258>. Acesso em: 16 jun. 2022.

VALENTE, N. **As dificuldades e estratégias do professor da educação básica no processo da inclusão escolar. Uma experiência no município de Quixadá-Ceará**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Fortaleza. 2016.

ZARDO, S. **A inclusão de alunos com deficiência no Ensino Médio e a organização dos sistemas de ensino**. 378 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília. 2012.